



ARTIGO LIVRE

CULTURA, IDENTIDADE E GASTRONOMIA ALEMÃ NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS/ES

Marcela Bourguignon Achiamé

Coordenadora do Curso de Gastronomia da Universidade Vila Velha. Mestre em Ciências Sociais (PUC/UVV). Graduada em Gastronomia.

Ana Cristina Quintela Pitanga

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (Faculdade Unida). Graduada em Gastronomia. Bolsista de fundo de amparo do ES (FAPES).

Andréa Ferreira Souto

Professora do Curso de Gastronomia da Universidade Vila Velha. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (Faculdade Unida). Graduada em Gastronomia.

Resumo

O Estado do Espírito Santo pode ser considerado um local privilegiado em decorrência da sua geografia marcada pelo litoral e pelas montanhas. A proximidade dessas áreas permite ao capixaba e turista conhecer e manter contato com a diversidade cultural do estado, vivenciando sua miscigenação, pelo menos no tocante à alimentação. Porém, pouco se sabe sobre as origens da alimentação dos capixabas. Suas influências, mudanças, permanências, transformações e adaptações. Para tanto, optou-se em trabalhar com as influências da imigração alemã na culinária regional do município de Domingos Martins/ES. Dados históricos e estatísticos mostram que os alemães estiveram entre os principais grupos que se fixaram na localidade entre os séculos XIX e XX. O objetivo central desse artigo foi desvendar quais as influências da alimentação alemã na culinária capixaba a partir do viés cultural. Buscou-se na sociologia conceitos como identidade e cultura para solidificar os referenciais teóricos do estudo. Para a pesquisa de campo utilizou-se da história oral cuja importância foi a análise qualitativa dos depoimentos dos entrevistados. Desta forma, o presente estudo buscou fazer um levantamento histórico para entender uma questão sociológica.

Palavras chave: Imigração alemã, identidade, cultura, gastronomia.

Introdução

O Estado do Espírito Santo pode ser considerado um local privilegiado, pois é possível ir de praias exuberantes às montanhas fascinantes num mesmo dia. A proximidade das áreas litorâneas com as regiões de montanhas faz desse estado um lugar primoroso e ainda permite ao capixaba conhecer e manter contato com diversas facetas culturais. É possível vivenciar a miscigenação cultural capixaba a partir da alimentação.

Todavia, pouco se sabe sobre as origens da alimentação dos capixabas. Suas influências, mudanças, permanências, transformações e adaptações.

Abstract

The State of Espírito Santo can be considered a privileged place due to its geography marked by the coast and mountains. The proximity of these areas allows "capixaba" and tourists to get to know and maintain contact with the cultural diversity of the state, experiencing its miscegenation, at least with regard to food. However, little is known about the origins of the Espírito Santo diet. Their influences, changes, permanences, transformations and adaptations. To this end, it was decided to work with the influences of german immigration in the regional cuisine of Domingos Martins/ES city. Historical and statistical data show that the Germans were among the main groups that settled in the locality between the 19th and 20th centuries. The main objective of this article was to discover the influences of german food in Espírito Santo cuisine from a cultural perspective. In sociology, concepts like identity and culture were sought to solidify the theoretical references of the study. For the field research, oral history was used, whose importance was the qualitative analysis of the interviewees' testimonies. Thus, the present study sought to make a historical survey to understand a sociological issue.

Keyword: German immigration; identity; culture; gastronomy.

Desta forma, instigou-se pesquisar quais seriam as influências da alimentação contemporânea dos habitantes do Espírito Santo. A história do Estado do Espírito Santo mostra que a região foi fortemente colonizada por europeus que deixaram sua cidade de origem na esperança de melhorarem de vida. Para este artigo, escolheu-se trabalhar com as influências da imigração alemã na culinária regional do Município de Domingos Martins/ES. Dados históricos e estatísticos mostram que os alemães estiveram entre os principais grupos que se fixaram na localidade entre os séculos XIX e XX (BARROS, 2007).

Este artigo, objetiva desvendar quais as influências da alimentação alemã na culinária a partir do viés cultural. Para tanto, esta pesquisa toma a gastronomia como um elemento cultural da sociedade e como tal está sujeita a alterações. A gastronomia é filha do seu tempo e um barro do homem, ou seja, pode ser moldada pelos indivíduos. Ademais, compreende-se a gastronomia como uma matéria relacionada à identidade dos sujeitos, ou seja, pelos hábitos alimentares as pessoas se identificam, se aproximam, se veem tal como o outro ou não. Entende-se a gastronomia como um instrumento social ligado às relações de poder. Por meio dela o indivíduo por se sentir incluído ou excluído (CARNEIRO, 2005).

Além disso, o turismo no Espírito Santo mostra-se crescente. Assim, é importante estudar qual imagem gastronômica o Estado está passando para os seus visitantes, neste caso, no tocante à culinária de descendentes alemães. O Governo do Estado do Espírito Santo dividiu os destinos turísticos em sete rotas, das quais, três delas têm acesso a partir da capital Vitória. Uma dessas rotas é chamada de "Rota do Mar e das Montanhas". Neste passeio o visitante tem boas lições de história e cultura regada à boa gastronomia típica alemã, uma vez que entre os municípios que compõem o trajeto está o denominado "Domingos Martins". A área abrangida por esse município serviu como palco da ocupação alemã, característica por seu clima de temperaturas amenas.

Em sentido metodológico, a pesquisa de campo optou pela história oral, uma vez que ela lida com a relação, os conflitos e a negociação entre as memórias coletivas e individuais. A Nova História, na década de 1970, modificou a forma de percepção da história. A história oral, se aproveitando desta transformação, ampliou o conceito de fonte documental até então empregado. Esta forma de pesquisa histórica emergiu e ganhou vulto graças às novas tecnologias capazes de armazenar dados, mas principalmente, de gravação de som e imagem, como os gravadores e as filmadoras, possibilitando que a entrevista seja gravada para posterior análise pelo pesquisador.

A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de História Oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz. (SILVEIRA, 2007, p. 4)

A organização e sistematização das entrevistas auxilia a análise dos dados, a compreensão das relações entre o que os indivíduos dizem, mas também do que não dizem. Permite também a compreensão da relação entre as memórias individuais e coletivas, como elas se completam, negociam e se entrelaçam. Para Pollak (1980), as memórias individual e coletiva entram em um processo de negociação de forma a se conciliarem e assim, os indivíduos que partilham esta memória podem se compreender como possuidores de uma identidade, de uma tradição comum formada pela memória compartilhada.

Portanto, mais do que um método de elaboração e sistematização de entrevistas e dados, a História Oral, baseada nos pressupostos difundidos por Pollak (1980) e Halbwachs (1968), pressupõe uma análise profunda destas fontes comparando-as com outras (de preferência escritas) de forma a compreender a construção das narrativas tanto no nível individual quanto coletivo.

É preciso, então, analisar a memória como um importante instrumento de formação da identidade de um grupo e por tal motivo, que muitas vezes, ela é forjada, construída ou como coloca Pollak (1980), negociada no nível coletivo, de forma a produzir uma narrativa mais ou menos homogênea a nível coletivo. Desta forma, aplicou-se o método da história oral pensado em uma análise qualitativa da fala dos entrevistados para a pesquisa. Todos os entrevistados possuem alguma ligação com projetos e iniciativas de resgate da cultura alemã na região.

Neste artigo, será exposto o contexto de criação e um panorama socioeconômico do município de Domingos Martins no século XX. Em seguida, destacam-se os aspectos culturais dessa localidade. E por fim, debatem-se os hábitos alimentares de influência alemã no município de Domingos Martins, a par-

tir da análise qualitativa dos depoimentos coletados por meio da metodologia da História Oral. Assim, espera-se contribuir com os estudos históricos e sociológicos sobre a imigração europeia e as suas influências na cultura alimentar e na identidade capixaba.

O Panorama socioeconômico do município de Domingos Martins/ES no século XXI

Além das mudanças culturais produzidas pela adaptação a novos estilos de vida é preciso compreender que os indivíduos participam diferentemente de suas culturas. De acordo com Laraia, “os indivíduos se relacionam com a sua cultura de forma limitada” (1986, 80). Isto se mostra claro ao pensarmos nas diferenças biológicas, tanto sexuais quanto etárias. Homens e mulheres possuem funções diferentes na sociedade, na maioria delas, a mulher possui sua vida limitada ao campo doméstico e o homem ao público (FARGE, 2011).

Crianças, jovens, adultos e velhos, também possuem funções diferenciadas, mas a divisão destas fases da vida também é cultural. Crianças e jovens ainda estão em processo de aprendizado, de inserção na cultura, assim, possuem um acesso restrito a esta. Já os velhos estão cansados e fragilizados, possuem cargos de liderança, são geralmente os anciãos e não precisam mais fazer esforço físico já que sua idade avançada lhes tornam frágeis. Assim, o trabalho de manter a sociedade passa a ser tarefa dos adultos. Esta divisão funciona até mesmo em sociedades complexas como a nossa, entretanto a forma de divisão destas etapas da vida é diferente, nós dividimos de acordo com a faixa etária, aos 15 anos deixa-se de ser criança, aos 30 de ser jovem e aos 60 torna-se velho. Outras sociedades utilizam-se de rituais, ou de questões biológicas para fazer essa divisão, como a menstruação no caso feminino, que faz da menina mulher capaz de gerar descendentes (FARGE, 2011).

Apesar de diferentes formas de divisão, esta classificação é importante em uma sociedade, pois

define os diferentes papéis que o indivíduo pode exercer de acordo com a força física, agilidade, e pelo acúmulo de experiência. Desta forma, um ancião deve ser uma pessoa mais velha, pois este já acumulou experiência de uma vida inteira e não mais possui capacidade física e agilidade para trabalhos pesados, como aquele desempenhado nas atividades agrícolas. Em nossa sociedade, para se candidatar ao senado é necessária uma idade mínima de 35 anos, ou seja, julga-se necessário o acúmulo de um mínimo de experiência para exercer a função.

Além da diferenciação por questões biológicas (sexo, força física) e pelo desenvolvimento cognitivo (acúmulo de experiência) os indivíduos se inserem na cultura de acordo com sua capacidade de dominar certos aspectos dela, pois de acordo com Laraia (1986) nenhum sistema de socialização é perfeito e nenhum indivíduo é perfeitamente socializado. Portanto, para o autor, um indivíduo compreende alguns aspectos de sua sociedade e é ignorante para com o restante, assim, pressupõe-se, que um médico compreenda perfeitamente assuntos ligados à medicina, entretanto seja um ignorante em física.

O que importa, segundo o autor, é que o indivíduo possua o mínimo de conhecimento de sua cultura capaz de permiti-lo se relacionar com a sociedade. Este conhecimento mínimo é capaz de prever certa regularidade das situações e conseguir respondê-las. Entretanto, o autor salienta que não apenas as quebras de padrão são um problema, mas que, como a sociedade não é perfeita, às vezes o padrão não cobre todas as situações possíveis.

Desta forma, os imigrantes que vieram para o Espírito Santo estavam inseridos em sua cultura no território alemão de forma distinta, pois possuíam funções e conhecimentos distintos. No entanto, cabe ressaltar, que em sua maioria, os imigrantes eram camponeses, portanto, participavam de uma cultura rural, e compreendiam bem os mecanismos de plantio.

Entretanto, os camponeses não foram os únicos a virem para o Brasil. Ellen Woortmann (2000), nos mostra em sua pesquisa, que os imigrantes vindos

para o Brasil eram muitas vezes trabalhadores liberais fugidos de perseguições políticas. Alguns trabalhadores das recentes fabricas instaladas na Europa também se dirigiram para o Brasil. A maioria destes eram letrados, contudo existia uma parcela analfabeta. Apesar da maioria se constituir de família, existiam também solteiros e jovens.

De acordo com a autora, esta heterogeneidade na imigração se deve, sobretudo, a uma política brasileira de busca por modernização das cidades. Assim, muitos trabalhadores liberais e artesãos (ferreiros, marceneiros, tecelões e etc.) foram recrutados para vir para o Brasil. Até mesmo membros da pequena nobreza empobrecidos ou sem direito a herança vieram para o país. Muitos destes intelectuais, médicos, trabalhadores rurais ou nobres tornaram-se líderes ou membros de destaque nas colônias. Entre estes, alguns até conseguiam trazer uma soma razoável de dinheiro. Esses imigrantes, segundo a autora, não foram trabalhar no campo como os demais. Tratava-se de uma elite que contribuiu para aumentar a diversidade socioeconômica e cultural nas regiões de colonização alemã (WOORTMANN, 2000).

Desta forma, estes imigrantes de origem sociais distintas traziam hábitos diferentes. Woortmann (2000) relata que as famílias eram de origens distintas e que não se conheciam até chegar ao Brasil. Desta forma, sua relação teve início no Brasil, assim como o estabelecimento de uma memória e de uma cultura comum, qual seja: a cultura do imigrante alemão.

O século XIX constituiu-se no período no qual a imigração europeia para o Brasil ocorreu de forma intensa e sistemática, como explicado no capítulo anterior. Motivados pela esperança de possuir melhores condições de vida, inúmeras famílias se arriscaram pelo Atlântico, a fim de melhores condições de vida no Novo Mundo.

A Itália e a Alemanha ainda não se formavam enquanto Estado-Nação. Essas regiões se constituíam de cidades-estados que tinham pouca articulação política e sociocultural. Disputas políticas eram

comuns, e o quadro de fome, miséria e pobreza se expandiam com as disputas (SALLETO, 1996).

Já o território americano, ainda pouco ocupado e, portanto, com abundantes terras, apresentava-se como uma ótima oportunidade de crescimento parcimonioso para os grupos europeus menos favorecidos. O sonho de possuir terras férteis e alcançar o progresso econômico motivou essa imigração. Vários países tornaram-se alvo dessa fuga, o Brasil figura entre eles (HEES, FRANCO, 2005).

No Brasil desenvolveu-se uma política imigrante, regulamentada pelo governo imperial, a qual proporcionou um maior incentivo e aumento considerável no número de imigrantes europeus para o Brasil. Essa política consistia na parceria com os presidentes de Província, que cediam terras designadas para a criação de colônias. Não obstante, houve também a importante participação das companhias particulares de colonização na ocupação e colonização das terras. O objetivo dessas companhias consistia em reduzir as despesas do Estado com a imigração (HEES; FRANCO, 2005).

Ao longo do Oitocentos houve dois modos de imigração: o primeiro foi chamado de imigração subvencionada e o segundo recebeu o nome de colonização. Na imigração subvencionada, o governo destinava o indivíduo para o trabalho nas grandes lavouras, principalmente, de café, o principal produto agrícola da época. No segundo tipo de imigração, a chamada “colonização”, o foco era outro: o imigrante europeu, geralmente com membros de sua família, era alocado em pequenos núcleos coloniais (PRADO JÚNIOR, 1979, p. 188-189).

A Lei de Terras¹ regulamentou o acesso às áreas devolutas do território brasileiro. Assim, de acordo com Thiago Barros:

O colono obtinha o lote comprando-o a prazo, e o título definitivo de propriedade só poderia ser requerido

¹ Lei 601 promulgada em 1850. A lei ficou assim conhecida, pois regulamentava acerca das terras devolutas no Brasil.

Nacionalidade	Efetivos decenais				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

Tabela 1. Imigração no Brasil por nacionalidade (1884-1933). Fonte: Brasil: 500 anos de povoamento. RJ: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226

após a quitação da dívida. No caso das empresas colonizadoras particulares, o procedimento em relação aos colonos era o mesmo: o Estado concedia a área, e às empresas cabia realizar a demarcação e a venda dos lotes, de acordo com a lei (BARROS, 2007, p.18).

Vários grupos europeus se deslocaram do Velho Continente para o Brasil, dentre eles destacam-se alemães, holandeses, suíços, italianos, belgas, entre outros. A tabela a seguir ilustra a imigração no Brasil a partir de cada nacionalidade:

Os alemães não formaram o grupo majoritário de imigração para o Brasil, uma vez que alguns fatores agravantes prejudicavam a sua imigração, tais como a língua e a religião adotadas pelo Império. O alemão não consistia numa língua de fácil entendimento e a maioria dos germânicos confessava o protestantismo como religião oficial, diferente do Império que confessava o catolicismo. Destarte, a entrada de germânicos não foi incentivada de modo tão intenso, quanto à de imigrantes italianos, por exemplo.

De acordo com Giralda Seyferth (1994), “chegaram ao Brasil, pouco mais de 235 mil imigrantes alemães, muitos assentados como colonos através de projetos patrocinados pelo Estado ou por companhias particulares” (SEYFERTH, 1994, p.47).

Os imigrantes da Alemanha que vieram para o Brasil, sobretudo para o Espírito Santo, desenvolve-

ram a colonização a partir do recebimento de lotes oferecidos pelo Governo. Desta maneira, pode-se considerar que a imigração alemã “esteve vinculada ao processo de colonização, baseado na pequena propriedade e implantado por iniciativa do Estado” (RAASCH, 2010, p. 34). No Espírito Santo, esse tipo de sistema de colonização tinha dois objetivos principais: a ocupação e o desenvolvimento das terras devolutas.

No interior do Espírito Santo ainda existiam muitas terras “desocupadas”, que não auxiliavam na economia da província e eram de difícil acesso. Tais terras, na realidade, eram ocupadas por índios, em especial os chamados botocudos. Estes eram retratados como extremamente violentos e selvagens, contudo, como não eram integrados à vida econômica do império eram tratados como um problema a ser resolvido.

No ano de 1846, o Governo Imperial Brasileiro enviou à Alemanha, na região do Hunsrück, um funcionário destinado especialmente para recrutar colonos interessados em emigrar. Muito alemães se interessaram, venderam seus pertences e se organizaram para a travessia, que durava cerca de 70 dias. A primeira leva de imigrantes desembarcou em Vitória no final desde mesmo ano e logo seguiram para a primeira colônia fundada na Província do Espírito Santo. O primeiro lote ocupado pelo grupo germânico foi a Colônia de Santa Isabel em janeiro de 1847. Após uma década, houve a criação da colônia de Santa Leopoldina.

De acordo com Silas Raasch (2010) essas foram as colônias que “receberam os maiores contingentes de imigrantes teutos” (RAASCH, 2010, p. 16). Tanto Santa Isabel, quanto Santa Leopoldina encontravam-se situadas na região serrana do Espírito Santo. Raasch afirma que essas colônias:

[...] foram criadas por iniciativa do Império e muito bem recebidas pelas autoridades da Província, que viam na imigração uma forma de acelerar o seu desenvolvimento. Mais tarde, nos primeiros anos do Período Republicano também foram criados outros empreendimentos coloniais, porém, sob supervisão do Estado e não mais do Império (RAASCH, 2010, p. 16).

A Colônia de Santa Isabel recebeu, inicialmente, trinta e nove famílias, totalizando 163 pessoas e a partir da sua criação, “este empreendimento passou a compor a pauta de políticas públicas do Governo Provincial” (RAASCH, 2010, p. 71).

Documentos da época, como por exemplo, o relatório do Barão de Tschudi (ESPÍRITO SANTO, 2004) relata as dificuldades existentes nos primeiros anos de colonização: a densa mata nativa, problemas com transporte e acesso às colônias, doenças, entre outras. Além disso, a falta de comunicação das colônias com a região central da Província provocou certo isolamento, o qual fortaleceu ainda mais a cultura de origem desses imigrantes.

As propagandas difundidas nos países europeus acerca das possibilidades da imigração faziam com que os imigrantes se sentissem frustrados com a realidade em terras brasileiras. Com a falta de estrutura o imigrante era desafiado a desmatar a floresta, para só então iniciar a construção de sua casa e sua lavoura.

No entanto, alguns documentos daquela época indicam grande satisfação com os resultados da nova colônia: Santa Isabel. Conforme relatado pelo Presidente da Província Luiz Pedreira de Couto Ferraz, em 1848:

Cada dia os colonos dão novas e mais positivas garantias de sua moralidade e amor ao trabalho, vivem na melhor harmonia, tanto entre si, como com os lavradores vizinhos, dos quais não receberam equívocas provas de estima [...] Prasa aos céus, que a colônia continue a prosperar, e que bem firmada e acreditada se desenvolva em ponto grande e mais elevada escala, pois se a introdução de braços livres e industriais é hoje reconhecida evidentemente como uma necessidade de primeira ordem para o Brasil para todos aqueles que, como eu, veem em sua falta uma das principais causas do atrasamento, em que se acha nossa agricultura e, nesta província, sobretudo que ela mais fortemente se faz sentir (ESPÍRITO SANTO, 1848).

Finalmente, mesmo com todas as dificuldades e adversidades iniciais, a colônia de Santa Isabel firmou-se e floresceu. Os imigrantes dedicaram-se ao trabalho árduo e logo conseguiram prosperar. O responsável por este florescimento consiste na cultura do café, sob o regime de pequena propriedade e voltada para a exportação, bem como na plantação de produtos para a subsistência, mas também comercializáveis como a batata, o feijão, a mandioca, entre outros.

Por outro lado, a pecuária não obteve grande desenvolvimento, mantendo-se apenas para a subsistência das famílias, com a produção de manteiga, queijo e carne, assim como a criação de suínos.

Gradativamente, o progresso dessa colônia formava as bases para a sua emancipação. Acerca deste processo, Raasch explica:

Sob a condição de Colônia Imperial, em 1847, Santa Isabel foi emancipada em de junho de 1866, o que ocasionou sérios problemas, pois toda a ajuda governamental aos colonos, como a prioridade de emprego nas obras do Governo e o pagamento dos profissionais empregados na colônia, que recebiam até então, foi extinta. O resultado foi o abandono definitivo das responsabilidades governamentais

para com a Colônia, uma vez que se extinguiu também a ajuda Imperial para sua manutenção, além de não se beneficiar diretamente com a chegada de novos contingentes de imigrantes. Em 21 de novembro de 1869, pelo Decreto Provincial nº. 21, foi declarada como freguesia, porém, a Colônia continuava subordinada administrativamente ao município de Viana. Foi elevada à categoria de Vila no dia 2 de outubro de 1891, por meio do Decreto Estadual nº. 41. Entretanto, não se manteve nessa condição por muito tempo, pois em 18 de janeiro de 1892 a Vila foi extinta. Essa situação também não duraria muito e, cerca de um ano mais tarde, em 20 de outubro de 1893, Santa Isabel foi novamente elevada à categoria de Vila e alcançou o status de município, desmembrando-se do município de Viana. Já em 1917, foi criado o distrito de Campinho, e a sede do município foi alterada para aquela localidade” (RAASCH, 2010, p. 81).

Um marco histórico para a cidade foi a visita do Imperador, conhecida como a grande visita aos colonos, em 1860 Dom Pedro II pernoitou na cidade. Sua visita foi motivada pelas notícias de prosperidade da região e também para observar pessoalmente como estavam instalados os imigrantes.

Em 1921 ocorreu a mudança no que tange ao nome oficial do município, que passou a chamar-se Domingos Martins. Esta nomenclatura foi oferecida à região em homenagem a um importante personagem capixaba, Domingos José Martins, nascido no município de Itapemirim e líder da Revolução Pernambucana. Ele foi fuzilado heroicamente em 1817 na Bahia.

Torna-se importante ressaltar que além de imigrantes de origem germânica, essa colônia recebeu também vários outros grupos estrangeiros europeus ao longo de sua história, principalmente italianos.

O município de Domingos Martins, atualmente, é composto por seis distritos: a Sede, em Campinho, Santa Isabel, Aracê, Paraju, Biriricas e Melgaço. Sua área territorial é composta por 1.123,29 km², no qual aproximadamente 80% da população encontra-se

em áreas rurais e 20% na área urbana (PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS, 2011).

O distrito de Santa Isabel é um dos lugares mais antigos do município, inicialmente era a sede, contudo perdeu sua posição e atualmente sua economia está estacionada, mas com perspectivas de crescimento graças ao turismo. Ao lado da BR 262 e da Estrada de ferro Leopoldina foi centro logístico e canteiro de obras da rodovia, e sua população, uma boa parte, é de funcionários aposentados do DER (Departamento de Estradas e Rodagem). Em 2006 o Distrito de Biriricas foi retirado do distrito de Santa Isabel.

Já a sede, Domingos Martins, conta com comércio e setor de serviços desenvolvidos, além de uma indústria de refrigerantes. Região mais desenvolvida do município, conta hoje com um grande atrativo turístico. Graças a este desenvolvimento, atualmente, têm atraído famílias de classe média de Vitória a terem uma casa na região rural, mas ainda próximas ao centro (INCAPER, 2011).

O Distrito de Paraju é o que possui um maior contingente populacional. Ligado diretamente à BR 262, esta região apresenta um grande potencial turístico e um crescimento imobiliário. Trata-se de um importante centro de convivência entre italianos e alemães, pois as duas etnias estão ali presentes (INCAPER, 2011).

Majoritariamente pomerano, o distrito de Melgaço, se originou das caravanas de mula que seguiam de Santa Leopoldina para Afonso Claudio e Minas Gerais. Distrito essencialmente agrícola (INCAPER, 2011).

A exuberante paisagem da Pedra Azul faz parte do distrito de Aracê. E devido a esta paisagem magnífica que esta região tem atraído turistas, sendo diferenciada pela presunção de luxuosos hotéis, sem contar os condomínios fechados. Tudo isto tem desenvolvido na região o turismo e o setor de serviços especializado para atender a este consumidor mais refinado.

O município está localizado a cerca de 45 km de distância da capital Vitória. Possui uma economia pautada na agropecuária, sobretudo no cultivo

de café, banana, morango, produtos hortifrutigranjeiros, entre outros. Esse tipo de economia é responsável por gerar emprego e renda para os habitantes dessa localidade.

A floricultura mantém grande relevância para a economia local, pois a maior parte de sua produção destina-se ao abastecimento do mercado estadual e até mesmo de outros estados, como Minas Gerais (INCAPER, 2011).

Avicultura figura entre uma das atividades essenciais entre os habitantes do município. Segundo o Incaper² essa modalidade compreende 25% da produção total de frango de corte capixaba. Consequentemente, a produção de ovos também possui números significativos para a economia local.

Além disso, ainda hoje, é possível perceber os traços da colonização organizada em pequenas propriedades, uma vez que 90% das propriedades agrícolas existentes no município caracterizam-se como de pequeno porte, com o predomínio da agricultura familiar.

Nesse sentido, o agroturismo também possui grande importância para a economia local. Caracterizada pelo clima ameno, na região encontra-se diversos hotéis, pousadas e até mesmo fazendas e sítios particulares voltados para este mercado. Uma gama de aproximadamente 40 instalações oferece ao turista o conforto das grandes cidades, aliado à simplicidade do campo. Do mesmo modo, há muitas opções gastronômicas na região com pratos típicos dos imigrantes alemães e italianos.

Entre os atrativos da região estão os parques, as cachoeiras e corredeiras. O que fornece ao turismo da região uma gama de possibilidades, desde o turismo no campo, até o turismo de aventura. O Parque Nacional de Pedra Azul, além de símbolo do município e importante atrativo turístico, é uma unidade de conservação ambiental sob responsabilidade do Instituto Estadual de Meio Ambiente (IEMA). As principais festas

da região e que atraem uma quantidade considerável de turistas são: do Morango, Blumenfest, Festival de Inverno, Festa do Vinho, Sommerfest, Temporada de Inverno, Expoflor, entre outras. Estas festas têm como base a cultura pomerana e italiana.

Com aproximadamente 31.824 habitantes (IBGE, 2010), o município de Domingos Martins ocupa a 35ª posição no ranking municipal relativo ao Índice de Desenvolvimento Humano (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2009).

É interessante perceber o crescimento e desenvolvimento da localidade. Voltando no tempo, vê-se como a cidade ganhou cara de cidade grande, mas claro, preservando os ares de vilarejo interiorano.

Sabores do passado na mesa do presente: hábitos alimentares no Município de Domingos Martins

Na região do município de Domingos Martins foi fundada a primeira colônia alemã do Espírito Santo (que na época levava o nome de Santa Isabel), com suas 39 famílias (16 protestantes e 23 católicas). Esses colonos que chegavam, foram subindo a serra pelas margens do braço norte do Rio Jucu e em 27 de janeiro de 1847 se instalaram na Serra da Boa Vista, porém esses imigrantes quando chegaram à região, não trouxeram consigo apenas força de trabalho, mas também costumes, cultura e hábitos. Para descobrir se a “Cidade Verde”, como também é conhecido Domingos Martins por conta de sua riqueza em flora, ainda preserva traços da alimentação dos imigrantes alemães fez-se necessário ir até a localidade. Utilizou-se da metodologia da História Oral a fim de se fazer uma coleta qualitativa das falas dos depoentes, com o objetivo de colher os relatos e deixar o entrevistado à vontade para informar tudo o que considerasse pertinente. Todos os entrevistados foram pessoas que possuíam alguma ligação com a preservação, resgate ou fomento da cultura, identidade e história da região.

2 O Incaper é o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, cujo objetivo consiste em auxiliar as famílias rurais do Estado do Espírito Santo.

O primeiro lugar onde se conseguiu informações valiosas foi na Casa de Cultura a qual funciona como um espaço de acervo museológico, mas também como um local destinado ao fomento de empreendimentos que visem ao resgate da cultura imigrante. Há uma grande sala no andar térreo destinada para as aulas de alemão para crianças e adolescentes. Na Casa de Cultura foi possível coletar algumas informações sobre a busca por resgatar a memória dos imigrantes. Segundo o atendente do local:

A Casa de Cultura é um espaço que preserva as tradições. Aqui a gente tenta o tempo todo colocar as pessoas em contato com as coisas dos imigrantes, por isso têm as aulas de alemão, têm os grupos folclóricos, têm as reuniões das senhoras para bordar. Porque a gente estava vendo que as pessoas mal sabiam sobre suas origens (Entrevistado A, 2012).

Pela fala do Entrevistado A observou-se uma preocupação com resgatar as raízes culturais. Sendo essa mesma entrevistada, a mãe dela era responsável por orientar jovens no trabalho do bordado. Ainda da Casa de Cultura encontrou-se uma senhora a qual faz parte do grupo de mulheres que bordam tecidos. Quando questionado sobre as práticas alimentares e as influências da imigração, ela diz:

Bom, cozinhar eu sei. Faço algumas coisas, mas nada muito difícil. Faço arroz, feijão. Mas é de imigrante que você quer saber né? Ah! Eu faço macarrão, torta de maçã, mas chucrute eu não sei fazer não. Na verdade, eu nem gosto muito. O pessoal jovem curte coisa de jovem, sabe? Adolescente vai ser assim em qualquer lugar (Entrevistado A, 2012).

Essa fala do Entrevistado A faz total sentido quando relacionada com o medo dos mais velhos de que as tradições culturais acabem. Fato que se pode comprovar na própria Casa de Cultura. Encontrou-se lá com uma senhora (Entrevistado B) que faz parte do grupo de mulher bordadeiras. Quando se pergun-

tou para ela sobre a alimentação com influência dos imigrantes ela respondeu:

Ah! Eu faço muitas coisas na minha casa, para os meus filhos, para o meu marido. Eles gostam de pães, de salsichas..., mas o que eles mais gostam é de Knödel. Eu tento ensinar para as minhas filhas, porque a mulher precisa aprender a cuidar da casa e fazer comida alemã, mas hoje os jovens estão meio rebeldes. A minha filha não faz coisa errada não, mas ela acha que não precisa aprender a fazer as comidas típicas da Alemanha, porque têm muitas comidas no supermercado. Por isso eu sempre tento fazer ela participar dos eventos da Casa de Cultura, para ela ter mais proximidade com a história dos nossos antepassados (Entrevistado B, 2012).

O pensamento do Entrevistado B é um exemplo da preocupação dos adultos e idosos com a permanência das tradições culturais. Vale dizer que a memória deve ser vista como um elemento essencial à construção da identidade individual ou coletiva e cuja busca sempre orientou as atividades dos indivíduos e das sociedades. Por isso observou-se na pesquisa tanto empenho no resgate da memória a partir da cultura.

Tendo a concordar com Santos ao dizer que

Memória não é algo do passado, é um fenômeno que traz em si um sentimento de continuidade e de coerência, seja ele processado individualmente ou em grupo em reconstrução em si, torna-se o fator preponderante para o entendimento de sentimento de identidade (SANTOS, 2010, p. 83).

Para complementar essa visão sobre a memória seguir o pensamento de dizer, Oriá (2005), para quem a identidade de um país, estado ou cidade se faz com memória individual e coletiva.

E assim Jarek complementa dizendo que:

Somente quando a sociedade resolve preservar e divulgar seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu ethos cultural e de sua cidadania. No contexto desta cidadania está inserido o direito à memória. Mas o que isto significa? Significa que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais que representem o seu passado, suas tradições, a sua história. Os bens preservados não representam a nostalgia centrada apenas no sentimento de perda, mas representativos, de acordo com Paoli (1992), da elaboração do passado como experiência coletiva de formação da cultura e da sociedade e como formador de identidades (JAREK, 2007, p. 189).

Sendo assim, compreende-se a importância da memória para a manutenção e permanência de práticas relacionadas aos hábitos dos imigrantes.

Em seguida, conversou-se com um dos professores de alemão cujas aulas são ministradas na Casa de Cultura. Para ele (Entrevistado C) a língua alemã é vital para as crianças e adolescentes, pois é a forma dos mesmos manterem contato com a cultura da qual vieram, nas palavras dele:

As iniciativas aqui em Domingos Martins são ótimas. Essas aulas, mesmo de alemão, ajudam as crianças a terem contato com um ponto da cultura da qual eles fazem parte. Agora, ainda há muito para fazer. Você que está pesquisando sobre alimentação, você vai ver que as pessoas estão perdendo esse interesse pelos pratos típicos. Tem gente que chega a dizer que não gosta. Mas também, muitas pessoas nem sabiam mais fazer as comidas alemãs. Ainda bem que a dona Ilda e o Joel estão a frente das coisas, buscando fazer esse resgate das tradições. São eles que lideram tudo. Eles lutam muito e a gente que também apoia vai atrás (Entrevistado C, 2012).

Em virtude da relevância e atuação na região, entrevistou-se a senhora Ilda e o Senhor Joel. Por meio do relato deles pode-se compreender um pouco dessa busca pelo resgate da memória e identidade cultural alemã. Ocorre que, por volta da década de 1980, pessoas ligadas à história, ao patrimônio e à cultura dos imigrantes perceberam que se estava perdendo as raízes alemãs. Pessoas como Joel e Dona Ilda estavam preocupadas, pois muitos já não falavam mais os dialetos alemães, não sabiam mais fazer as comidas típicas, estavam assim perdendo a sua identidade social e, possivelmente, recriando outras. Pela fala dos entrevistados parece que a situação pode se relacionar ao pensamento de Jarek ao dizer que:

Sem a memória não se consegue situar-se na própria cidade, e acaba-se perdendo o elo afetivo da relação habitante–cidade e assim sentimo-nos deslocados e confusos. Esta perda de referenciais históricos e culturais, pautados na memória da cidade, nos dá uma estranha sensação de que somos “estrangeiros” em nossa própria casa, e aí nos restam apenas os lugares que o poder econômico dos setores dominantes construiu ou escolheu para manter como símbolo de uma memória única e excludente que não favorece a multiplicidade de memórias e identidades presentes em uma cidade (JAREK, 2007, p. 189).

Sendo assim, essas lideranças culturais buscaram reverter a situação. Para tanto, criaram um Grupo Folclórico, em fins da década de 1980. O senhor Joel diz que:

Na década de 1980 ainda sofríamos consequência da Segunda Guerra Mundial, pois muitas pessoas haviam deixado de falar alemão e de praticar sua cultura naquela época (Entrevistado D, 2012).

O grupo folclórico foi de extrema importância, uma vez que a partir dele conseguiu-se impulsionar a abertura da Casa de Cultura. Para o funcionamento desta, os líderes culturais foram à casa de cada mora-

dor de Domingos Martins e regiões adjacentes para conseguir fotos antigas, cartas, roupas, utensílios, ou seja, todo o artefato para a montagem do acervo museológico da Casa de Cultura. De fato, o grupo folclórico tentava promover aqui o que era pertinente ao folclore da região, uma vez que se entende folclore como sendo:

O conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo a sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (UNESCO, 1995, p. 17).

Vale mencionar que uma das principais características do folclore é a tradicionalidade, ou seja, a continuidade de representações do passado. Desta maneira, os fatos novos são inseridos, mas sem provocar uma descontinuidade das práticas antigas. Outra característica do folclore, que pode ser vista no caso de Domingos Martins é o fato dele ser dinâmico e mudar de acordo com as transformações sociais, sendo assim ele é tal como a cultura: mutável e maleável. As manifestações folclóricas são, desta forma, a (re) criação de uma das práticas culturais de um povo.

O grupo folclórico de Domingos Martins viu a necessidade de compreender melhor essas práticas culturais alemãs. Para tanto, contaram com o apoio de grupos de folclore e cultura de Gramado/RS:

De acordo com Gerlinda, responsável pela coreografia do “Bergfreunde”, a preparação do grupo se deu através de alguns anos de intercâmbio com grupos de Gramado, além de cursos também realizados no Rio Grande do Sul, um Estado que ela considera “difusor de grupos de origem alemã pelo Brasil afora” (SÉCULO DIÁRIO, s.d).

Em termos de dança o grupo folclórico de Domingos Martins é primoroso, pois:

Hoje, o grupo de Domingos Martins apresenta 100 danças diferentes. Da região mesmo tem o Fuftzenn, a chamada dança dos 15 passos. Mas ainda não conseguiram resgatá-la em breve. Para isso andam conversando com os mais antigos, pois essa dança era tradição na região. O grupo ensaia todos os fins de semana. Para se ter ideia do seu significado para a comunidade, Gerlinda diz que o grupo representa a sua própria razão de viver (SÉCULO DIÁRIO, s.d).

Os líderes culturais perceberam ainda que as pessoas não sabiam mais produzir receitas típicas da culinária alemã. Então se teve a ideia de fomentar e difundir a gastronomia alemã. Assim, dona Ilda foi até Gramado/RS para aprimorar suas técnicas de preparo, aprender novas receitas e lembrar aquelas que a memória já tivera levado. Junto com dona Ilda foram dois casais do Grupo Folclórico, também destinados a aprender receitas alemãs. Essa viagem ocorreu por volta do ano de 1984. Quando retornaram a Domingos Martins, essas pessoas passaram a difundir a culinária alemã na região. Até que em 1987, por conta dos 140 anos de colonização da região planejou-se uma festa. O objetivo era divulgar para os habitantes da cidade e das localidades próximas as receitas de origem alemã. E assim nasceu a Sommerfest – Festival da Imigração Alemã. A primeira foi modesta e sem grandes pretensões, mas, o evento tomou corpo e hoje ocupa o calendário festivo do Espírito Santo. No ano de 2012, data de conclusão desta pesquisa, a festa completou seus 23 anos. Hoje está mais moderna, com um grande público que se diverte entre música, dança e gastronomia típica. A Sommerfest é o momento ideal para se apreciar a gastronomia alemã. Pode-se saborear os mais tradicionais pratos típicos ao longo de todo o evento. É possível encontrar tranquilamente einsbein, kassler e salsichas servidas com chucrute e batatas. Para a sobremesa a pedida é o famoso apfelstrudel (folhado de maçã), mas também há espaço para o Kuchen (pão coberto com açúcar e canela).

A Sommerfest é o principal evento de divulgação e resgate da cultura alemã no Espírito Santo. A festa ocorre anualmente e desde a sua primeira edição só não foi realizada por dois anos, pois o município passava por reformas de suas ruas, inviabilizando o evento. A Sommerfest não é apenas uma festa que ocorre em Domingos Martins, mas sim, um acontecimento esperado ao longo dos anos por grande parte dos capixabas. Ademais, a proximidade de Domingos Martins com a cidade de Vitória favorece a participação do público na festa. Como ocorre em outras festas, como a Festa da Polenta do município de Venda Nova do Imigrante (festa de promoção da cultura italiana), na Sommerfest, com o passar do tempo, novos atrativos foram criados, como o Concurso do Lenhador e a coroação das Rainhas e Princesas da Festa. Essas atrações não tem o objetivo de reproduzir as práticas dos imigrantes do passado. Na bibliografia pesquisada, não se encontrou menção a concursos para eleger a menina mais bela dentre as famílias alemãs.

Ocorre que, ações como esta, surgem para conquistar mais público, trazer as pessoas para o evento e obviamente causar diversão, mas, mais que isso, pode-se pensar que fatos como estes sejam criados também para proporcionar a participação dos próprios habitantes da localidade, ou seja, fazer os jovens se aproximarem da Festa e, logo, das tradições alemãs. Quando se cria um concurso como o do Lenhador, vários homens daquela comunidade participam. Assim como um concurso de beleza, no qual várias meninas se prepararão ou serão influenciadas por suas famílias para concorrerem.

Desta forma, lança-se a hipótese (para ser respondida em outra oportunidade), se ações vistas como simples práticas de entretenimento são na verdade criadas exatamente para causar o envolvimento da comunidade e assim despertar ou mesmo afirmar seu sentimento de pertencimento ao grupo.

Considerações Finais

Deve-se ressaltar a importância gastronômica como elemento de resgate das tradições e identidade. Como já mencionado, o grupo folclórico de Domingos Martins dirigiu-se até Gramado/RS, vista a necessidade de aprender e aprimorar receitas típicas alemãs. Sendo assim, compreende-se a gastronomia como uma das principais formas de criar no sujeito uma relação com a cultura e com a história. Corrobora-se do pensamento de Schutler quando afirma que “o legado monumental arquitetônico em si não constitui foco de atenção e que este, isolado, não representa a cultura de um povo como um todo” (2003). E Maysaa Ibrahim complementa o raciocínio dizendo que:

Não podemos esquecer que as festas, as danças e principalmente a gastronomia, representam a mais alta expressão e o comportamento dos diversos grupos culturais. Um legado monumental não representa de forma crua a realidade de um povo. Enfatizando um pouco mais sobre a gastronomia, um dos elementos essenciais para entender uma cultura, podemos afirmar que ela se baseia no que a terra e o clima juntos fornecem ao povo de determinado local e que de acordo com isso, este povo vai criando novas maneiras de utilizar o produto da terra, adaptando-o e aperfeiçoando seu consumo, passando seus métodos de geração a geração. E esperto é aquele que mantém sua identidade, mesmo com a globalização e essa mescla de culturas ou imposições de países desenvolvidos (IBRAHIM, 2006, p. 2).

Sendo assim, parece ser completamente plausível dizer que a gastronomia foi a responsável por esse resgate da identidade alemã dos habitantes de Domingos Martins. É tácito que nem todas as pessoas são atingidas por ações como esta. Alguns não mudaram sua forma de ser ou agir por conta das investidas, como a do grupo folclórico. Porém, ao se analisar a Sommerfest e demais ações em Domingos Martins, como o ensino de alemão para crianças e jo-

vens e os cursos de culinária alemã ministrados pela dona Ilda, percebe-se que a gastronomia propiciou identidade não só entre os moradores de Domingos Martins, mas em todo o Estado do Espírito Santo. Hoje, grande parte dos capixabas se sentem um pouco descendentes de imigrantes. E não era para menos. O estado teve colonização alemã. Ocorre que por vezes as raízes e as memórias vão se perdendo. Sendo então necessárias ações como a Sommerfest e demais práticas, para promover esse sentimento de pertencimento a um grupo. Nesta pesquisa pode-se comprovar exatamente o que afirma a pesquisadora Maysaa Ibrahim:

Em festas, celebrações, pequenas reuniões, entre outros, o alimento está fortemente presente, como essência de todos os acontecimentos. Parece que ele tem enorme poder psicológico sobre as pessoas, pois as une e promove entre elas ligações antes inexistentes; portanto o alimento transforma o homem de biológico a social e o torna diferente de outros animais, pois lhe fornece o contato com outros povos e cultura. O homem é tão civilizado como se vê hoje graças ao alimento (IBRAHIM, 2006, p. 6).

E assim Ibrahim completa:

A Gastronomia precisa ser na prática o que é na teoria. A arte de saber comer e beber bem. [...] Arte é cultura, é tradição, são raízes fortemente impregnadas em um povo que a mantém e vai passando de geração em geração. É isso que torna um povo forte: união para preservar o que é deles e de mais ninguém. Isso é uma arte e é forte quem a tem, pois não nascemos para sermos homogêneos, padronizados e resignados; ao contrário, somos únicos, cada um com uma identidade, pensamento e ideal (IBRAHIM, 2006, p. 10).

Observou-se na pesquisa para este artigo que a gastronomia serviu em Domingos Martins como elo entre as pessoas e entre esses e sua cultura. Assim,

a partir das entrevistas coletadas percebeu-se que somente as danças e músicas não foram suficientes para criar no sujeito um sentimento de identidade. Foi necessário o viés gastronômico, o uso e a difusão de receitas típicas e as práticas alimentares para colocar na mesa do presente as memórias do passado.



Referências

- BARROS, Thiago Zanetti. *Imigração estrangeira no jornal A Província do Espírito Santo (1882/1889)*. 2007. Dissertação. Programa de pós-graduação em História Social das Relações Políticas. Vitória: UFES, 2007.
- CARNEIRO, H. Comida e Sociedade: significados sociais na História da alimentação. In: *História: debates & questões*. Curitiba: Ed UFPR, ano 22, vol 42, jun 2005.
- HALBWACHS, M. *La mémoire collective*, Paris, PUF, 1968.
- IBRAHIM, Maysaa. *A Gastronomia Como Mais Alta Expressão De Um Povo*. *Revista de estudo turísticos*. n.23. 2006.
- INCAPER. *Programa de assistência técnica e extensão rural PROATER (2011 – 2013) Domingos Martins*. Disponível em: <http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro_cerrano/Domingos_Martins.pdf> Acesso em: 25 de Janeiro de 2012.
- INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. *Perfil Municipal – Sudoeste Serrana - Domingos Martins. Microrregião Administrativa 4*. Vitória, ES, 2009. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/images/flippingbook/perfil2009/Sudoeste_Serrana/Domingos_Martins_2009.pdf> Acesso em: 25 de Janeiro de 2012.
- JAREK, Gisele Lüttk. Cidades, culturas, memórias e identidades: uma proposta em educação patrimonial. *Revista Ágora*. Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, 2007, p. 180-191.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe(org). *O Saber histórico na sala de aula*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2005
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos*

Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1980, p. 3-15

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS. *Sommerfest: fotos*, 2012. Disponível em: <<http://www.domingosmartins.es.gov.br/#>> Acesso em: 01 de Março de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS. *Turismo*. 2012. Disponível em: <<http://www.domingosmartins.es.gov.br/#>> Acesso em: 10 de Novembro de 2011.

RAASCH, Silas. *A colônia de Santa Isabel e seus imigrantes (1847-1889)*. Dissertação de Mestrado. UFES. 2010.

SALETTI, Nara. *Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo (1888-1930)*. - [Vitória, ES?]: EDUFES, 1996.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. *Revista Dimensões*, vol. 25, 2010, p. 235-248.

SANTOS, Maria Roseli Sousa. *Entre o rio e a rua: cartografia de saberes artísticos-culturais da Ilha de Caratateua, Belém do Pará*. Belém: EDUEPA, 2010.

SÉCULO DIÁRIO. *Etnias do Espírito Santo*. Disponível em: <<http://www.seculodiario.com/etnias/alemaes/index01.htm>> Acesso em: 05 de Março de 2012.

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *MÉTIS: história & cultura* – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

UNESCO. *Carta do folclore brasileiro*. Salvador: Comissão Nacional de Folclore, 1995.

